

**A NORMALIZAÇÃO DA CULTURA DE CRIMES  
CONTRA A DIGNIDADE FEMININA NA CANÇÃO “SABOTARAM  
O MEU COPO” E A EXALTAÇÃO DA SEXUALIZAÇÃO DE  
CRIANÇAS NA PLATAFORMA TIKTOK**

Vitória Ranner Pinheiro Pereira (UERN e FÁVENI)

[vitoriaranner@gmail.com](mailto:vitoriaranner@gmail.com)

Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira (UERN)

[guianeezasaraiva@uern.br](mailto:guianeezasaraiva@uern.br)

**RESUMO**

A cultura de crimes contra a dignidade feminina também representa, em índices e porcentagens, a cultura da pedofilia, representada pela normalização e pela exaltação popular da sexualização de crianças, principalmente, quando são meninas. Nesse caso, é visto, atualmente, o ideal pedófilo nas plataformas digitais, por meio de músicas, vídeos e encenações, como as coreografias que simbolizam atos libidinosos. Partindo dessa premissa, o presente trabalho tem como objetivo analisar como se confere a normalização e a exaltação da cultura de crimes contra o ser feminino na plataforma TikTok, por meio de vídeos encenados por crianças que apresentam a canção “Sabotaram o meu copo”, do Mc Magrinho. Para tanto, o arcabouço teórico foi guiado pelos estudos de Foucault (1996) e Charaudeau (2006), no que tange à Análise do Discurso, além das abordagens de Del Priore (2011) e Araújo (2020) sobre a mulher na sociedade e os abusos sexuais. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza qualitativa-interpretativista, cujo *corpus* compõe-se de três vídeos da plataforma *TikTok* e da análise da letra da canção escolhida e apresentada nos vídeos. Os resultados indicam que, ainda na contemporaneidade, o tabu em torno da cultura de pedofilia é prevalecente, sendo fortalecido, cada vez mais, com a exibição de crianças nos meios midiáticos.

**Palavras-chave:**

Pedofilia. *TikTok*. Análise do Discurso de Linha Francesa.

**RÉSUMÉ**

La culture des crimes contre la dignité féminine représente aussi, en indices et pourcentages, la culture de la pédophilie, représentée par la normalisation et l'exaltation populaire de la sexualisation des enfants, surtout lorsqu'il s'agit de filles. Dans ce cas, l'idéal pédophile se voit actuellement sur les plateformes numériques, à travers la musique, les vidéos et la mise en scène, comme les chorégraphies qui symbolisent les actes libidineux. Partant de ce postulat, le présent travail vise à analyser comment se vérifie la normalisation et l'exaltation de la culture des crimes contre les femmes sur la plateforme TikTok, à travers des vidéos mises en scène par des enfants qui présentent la chanson « Sabotaram my cup », de Mc Magrinho. Ainsi, le cadre théorique a été guidé par les travaux de Foucault (1996) et Charaudeau (2006), en ce qui concerne l'Analyse du discours, en plus des approches de Del Priore (2011) et Araújo (2020) sur les femmes dans la société et les abus sexuels. Méthodologiquement, la recherche est de nature qualitative-interprétative, dont le

*corpus* se compose de trois vidéos de la plateforme TikTok et l'analyse des paroles de la chanson choisie et présentée dans les vidéos. Les résultats indiquent que, même dans la contemporanéité, le tabou autour de la culture de la pédophilie est répandu, se renforçant de plus en plus avec l'exposition d'enfants dans les médias.

Mots clés:

Pédophilie. TikTok. Analyse du Discours de la ligne française.

### 1. *Considerações iniciais*

Ao nos depararmos com um vídeo, mesmo que compactado em poucos segundos e/ou minutos, de imediato observamos a imagem que compõe a trajetória abordada. Em seguida, é observado se contém texto, em casos de vídeos expostos na *internet*, é observado se contém legenda. Além disso, também é observado a relação que se estabelece entre o plano linguístico e o plano da imagem. Desse modo, ao nos depararmos com o ato de analisar, estaremos analisando um mundo envolta do discurso. Com a Análise de Discurso de linha francesa, é possível investigar o que está no vídeo e para além dele.

Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo principal analisar como se confere a normalização e a exaltação da cultura de crimes contra o ser feminino na plataforma *TikTok*, por meio de vídeos encenados por crianças que apresentam a canção “Sabotaram o meu copo”, do Mc Magrinho. Para isso, recorreremos aos postulados teóricos de Foucault (1996) e Charaudeau (2013), para discutir aspectos relativos à Análise de Discurso de linha francesa, bem como aos preceitos de Del Priore (2011) e Araújo (2020), ao tratarmos sobre a pedofilia no meio social.

Quanto aos aspectos metodológicos, utilizamos um *corpus* composto por três vídeos extraídos da plataforma digital *TikTok*, lançados em 2021. Cada vídeo é composto pelo áudio da canção “Sabotaram meu copo”, de Mc magrinho, no qual os participantes dos vídeos realizam encenações por meio da letra da canção, tendo como principais participantes crianças. Desse modo, para a análise dos três vídeos, recorreremos à Análise de Discurso, de linha francesa, além dos pressupostos oriundos de estudos feministas. Quanto aos resultados, entendemos que estes indicam que, ainda na contemporaneidade, o tabu em torno da cultura de pedofilia é prevaletente, sendo fortalecido, cada vez mais, com a exibição de crianças nos meios midiáticos.

## **2. Análise de Discurso: reflexões teóricas introdutórias**

A linguagem começou a ter uma importância a mais para os estudiosos quando os indivíduos perceberam que é a partir dela que poderiam realizar desde uma tarefa mais leve, até uma tarefa mais árdua, dado que a linguagem está presente em tudo aquilo que fazemos. É a partir dela que ocorrem as relações entre os indivíduos. Aquilo que aprendemos e transmitimos aos outros só é feito porque usamos a linguagem para tal; em outras palavras, sem a linguagem seriam impossíveis a convivência humana e as relações sociais.

Nesse sentido, a linguagem foi aberta para que se pudesse estudar e compreender o caminho de todas as suas vertentes. Diante disso, a Análise de Discurso (AD) centra foco no uso amplo e geral da linguagem dentro e entre grupos específicos de indivíduos no campo social, pois, considera que é a partir dos sujeitos que a linguagem pode se materializar, mas não o sujeito estudado pela análise gramatical, mas sim, o ser que fala, que interage, que articula no mundo (seu contexto social e cultural).

Para tanto, é necessário demarcarmos nosso campo de estudo, na tentativa de singularizá-lo em comparação com outras análises, com foco nos discursos que circulam no meio acadêmico. A partir dessa preocupação, a presente pesquisa será desenvolvida sob a ótica da AD de linha francesa, demonstrando suas instâncias e perspectivas, bem como seu objeto de estudo. As contribuições da AD vislumbram-se na necessidade de historicizar seu surgimento, trazendo o sujeito para o centro da linguagem materializada.

Diante dos estudos envolta das bases teóricas e metodológicas da AD de linha francesa, o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984) contribuiu ativamente para o prosseguimento dessas bases, postulando os seus estudos acerca do que é discurso. Desse modo, para o filósofo “o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro” (FOUCAULT, 1996, p. 49), ou seja, o discurso tanto na sua forma escrita como na sua forma falada é um jogo composto por vários outros enunciados juntos, complementando um mesmo discurso, ao qual será lido ou escutado, para que seja interpretado por meio de trocas.

Partindo dessa premissa, Puccinelli Orlandi (2007, p. 25) ao também estudar a AD de linha francesa, observa que a AD “trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há separação estanque

entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva”, nesse caso, a linguagem no íntimo dos discursos reflete sobre um meio exterior interpelado por conhecimentos que se constituem. E, em consonância com Paveau (2013, p. 09), a “análise do discurso tornou-se um verdadeiro continente atravessado por tradições científicas heterogêneas, apoios disciplinares diferentes e *corpus* tão múltiplos quanto variados”.

Desse modo, ao analisar os discursos, encontramos enunciados e relações que se atravessam, cujo próprio discurso põe em funcionamento essa instância. Assim sendo, analisar o discurso seria dar conta de “apoios disciplinares diferentes”, ou seja, de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão “vivas” nos discursos, compondo múltiplas formas de análises por meio da manifestação que é o discurso.

### ***2.1. Discurso das mídias: a imagem como discurso***

A imagem, considerada como objeto de estudos de algumas pesquisas que a interligam com os estudos voltados para a Análise de Discurso, também pode ser considerada como um “*corpus* múltiplo” (Cf. PAVEAU, 2013). Apesar de existir a noção de que um objeto é considerado como discurso na sua forma verbal, também pode-se considerá-lo como objeto empírico de análise na sua forma não-verbal.

Diante disso, surge o processo de significação da imagem, que, para Charaudeau (2013), a imagem pode ser fixa ou animada, possuindo efeitos que estão longe de serem controlados. A título de exemplo, os efeitos da transparência e da evocação são considerados constituintes para o processo da imagem. Logo, a imagem pelo efeito da transparência “nos traria a realidade tal como ela existe, em sua autenticidade” (CHARAUDEAU, 2013, p. 255), ou seja, a imagem descritiva do que realmente quis apresentar, citando caso análogo, a imagem de crianças filmadas pelos pais na inocência de ser apenas uma imagem animada de um determinado momento em família.

Mas, além de trazer o efeito da transparência, pode-se constituir na imagem o efeito da evocação, ao qual, “ela desperta, em nossa memória pessoal e coletiva, lembranças de experiências passadas sob a forma de outras imagens” (CHARAUDEAU, 2013, p. 255). Nesse sentido, este efeito une a imagem apresentada a outras imagens presentes na nossa memória, como no exemplo anterior, a imagem de crianças por meio de vídeo, como imagem animada, pode apresentar um teor inadequado para

ser exibido através de uma interpretação infantil.

Ademais, Charaudeau (2013) também considera que

[...] esse poder de evocação da imagem vem perturbar seu efeito de transparência, pois interpretamos e sentimos a imagem, ao mesmo tempo, através da maneira pela qual ela nos é mostrada e através de nossa própria história individual ou coletiva. Dependendo, ao mesmo tempo, da encenação visual e do que eu sou como telespectador. (CHARAUDEAU, 2013, p. 255)

Assim sendo, para que ocorra a evocação, é necessário que a imagem seja interpretada de alguma forma, sendo pertinente enfatizar que ao abordar os modos de significação implica também em abordar o efeito da interpretação na imagem, procurando entender tanto como ela se constitui como discurso, pelo não verbal, quanto como pode ser utilizada para sustentar discursos produzidos com textos verbais.

Para Castells (2002, p. 414, adaptado), “nós não vemos ‘a realidade’ como ela é, mas como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação, que são nossas metáforas, que criam o conteúdo de nossa cultura”. Nesse contexto, a noção de uma imagem vai além do que está exposto, tornando-se visível a partir do trabalho da interpretação. E, o trabalho de interpretar, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, ou seja, com a formação social dos sujeitos.

### **3. Vídeos da plataforma TikTok: crianças em cena**

Diante da noção de significação da imagem, seja fixa, seja animada, os vídeos dispostos na plataforma digital *TikTok* trazem a noção da imagem animada, representada e configurada em vídeos curtos com encenações, no que diz respeito a colocar uma canção ou fala no fundo, para que os seus usuários possam se divertir, criando e editando vídeos deles mesmos. Posto isso, “é possível, inclusive, dizer que atualmente, para alguns, a vida passa na/pela imagem: tudo é fotografado, filmado e exposto em redes sociais as mais diversas” (MENDES *et al.*, 2013, p.13).

Entretanto, assim como na *internet*, onde se encontram grandes benefícios, também pode-se encontrar malefícios, como as práticas criminosas, tanto de teor tradicional, quanto de atos ilícitos, que configuram novas definições, como em casos de abusos sexuais infantis virtuais, denominado pedofilia virtual. Esses casos ocorrem, principalmente, em pla-

taformas digitais. Diante disso, é importante destacar que “policiais identificaram 15 aplicativos perigosos sobre os quais os pais deveriam ficar atentos, pela segurança de seus filhos, entre os apps listados, está o *TikTok*” (GLOBO, 2021).

Além disso, o *TikTok* foi alvo de investigações em 2019, por “expor conteúdos sensíveis para crianças, como pedofilia e sexo (...). Acusações apontam que a ferramenta é usada por redes de pedófilos para entrar em contato com crianças” (PORTO, 2019). E, além de ser um aplicativo que a cada dia ganha mais destaques, batendo, em 2019, “a marca de um bilhão de instalações pelas lojas oficiais de apps Google Play e App Store” (PORTO, 2019).

Para tanto, um acontecimento envolvendo a plataforma *TikTok* na cidade de São Paulo, em 2020, com uma criança de 13 anos, “o homem começou a seguir a garota, elogiando os vídeos e *performances* dela na rede social. O assediador pediu o *WhatsApp* da adolescente e, após algumas trocas de mensagens, solicitou fotos nuas” (JUNIOR, 2020). Casos como este servem de alerta para que os pais não exponham tanto as crianças nas mídias sociais, como também passem a monitorar os celulares de seus filhos, visto que a cultura de crimes contra a dignidade feminina também representa, em índices e porcentagens, a cultura da pedofilia, representada pela normalização e pela exaltação popular da sexualização de crianças, principalmente, quando são meninas.

Valendo-se ressaltar que, de acordo com o último Atlas da Violência, divulgado em 2019 pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, “mostra que, de 66.041 episódios de estupro em 2018, 71,8% foram contra crianças e adolescentes com menos de dezoito anos. As crianças com até treze anos são os maiores alvos, sendo pouco mais da metade do total de casos (53,6%)” (ARAÚJO, 2020, p. 83). E, em meio aos índices e porcentagens alarmantes, a justificativa para escolha desta pesquisa julga-se na pouca participação da sociedade nessa discussão, pois, “muitas crianças brasileiras, por ignorância ou negligência parental, são precocemente sexualizadas” (DEL PRIORE, 2011, p. 156).

Mas, afinal, como vídeos curtos de crianças acabam chamando a atenção de pedófilos? Para fins de resposta, na plataforma é possível encontrar uma diversidade de vídeos que envolvem crianças, como vídeos narrando histórias, como também vídeos dançando, dentre outros. Em meio a isso, algumas crianças se tornam muito expostas pelos familiares, por encenarem coreografias que simbolizam atos libidinosos, por exem-

plo. Vejamos:

### **3.1. Vídeo 1: Criança “sabotando” o copo de adultos**

Figura 1: Vídeo curto do *TikTok* com criança encenando ao lado de adultos.



Para análises, o primeiro vídeo postado em 18 de setembro de 2021, é composto por uma criança do sexo feminino que está com uma garrafinha na mão colocando algo nas latinhas e copos dos adultos deitados ao chão. Os atos da criança são feitos a partir da letra da música “Sabotaram meu copo”, de Mc Magrinho, em que apresenta como trecho exposto neste vídeo: “Ela tomou uma coisa louca, ficou doida e se perdeu/Ela tomou uma coisa louca, ficou doida e se perdeu/E depois ela ficou falando assim, ó!/Sabotaram meu copo, fodeu, me tacaram balinha”. Desse modo, a criança é instruída a colocar “uma coisa louca” nas latinhas e nos copos dos adultos ao chão, no intuito de “sabotar os copos”, como apresentado na letra da canção.

Nesse caso, também é possível constatar que, de acordo com a letra da canção, ao enunciar “me tacaram balinha”, levaram em consideração a balinha ser um confeito de açúcar feito para crianças, infantilizando uma canção com teor libidinoso. Ademais, como exposto na figura 1, a criança está inclinada, colocando “a balinha”, também denominado na letra da canção como “uma coisa louca”, no copo dos adultos. Dessa forma, a canção expressa que ao “tacar” a balinha no copo, as vítimas ficarão doidas e se perderão, como exposto: ficou doida e se perdeu. Vítimas, pois, a balinha da canção representa drogas ilícitas colocadas em bebidas nas festas para dopar alguém, sendo assim, a parte “se perdeu” representa perda da memória para que ocorra atos sexuais não consumados. Assim, os adultos presentes no vídeo, colocam a criança em um personagem de

abusador, tendo em vista a história inserida na canção e, até mesmo, normaliza a letra que indica a cultura de crimes contra a dignidade feminina.

Para tanto, o vídeo também exalta a sexualização da criança, por expô-la em meio a uma canção que apresenta um teor sexual. Vale ressaltar que o vídeo obteve 1460 visualizações, apesar de ter poucas curtidas, obteve um público de mais de mil pessoas. Desse modo, enfatizamos a concepção de Del Priore (2011, p. 156), ao abordar que “graças à *Internet*, a circulação no meio virtual de imagens de crianças sendo usadas como objetos sexuais aumentou. A propagação da informação valeu-se de uma velocidade até então impensável”. Vídeos em que abordam a sexualização infantil e até mesmo a cultura do estupro expostos na *internet* são numerosos, mesmo que de forma implícita.

Em síntese, é visível que o vídeo em análise indica a normalização da cultura de crimes contra a dignidade feminina (Cf. ARAÚJO, 2020), além da sexualização infantil (Cf. DEL PRIORE, 2011), ao instruir a criança em encenar uma canção que apresenta uma composição com teor sexual.

### **3.2. Vídeo 2: Adultos gravando vídeo de funk com criança**

Figura 2: Vídeo curto do *TikTok* com criança dançando ao lado de adultos



Este segundo vídeo, postado em 18 de julho de 2021, obteve 392.300 visualizações e 17.700 curtidas, ou seja, obteve um público de mais de trezentas mil pessoas que assistiram. Quanto à composição, o vídeo é composto por quatro mulheres adultas e uma criança do sexo feminino, no qual todas estão dançando ao som da canção de *funk* “Sabotaram meu copo”, como no primeiro vídeo analisado. Os trechos da canção de

*funk* expostos no vídeo são: “Olha o que aconteceu/Ela tomou uma coisa louca, ficou doida e se perdeu/E depois ela ficou falando assim/Sabotaram meu copo, fodeu, tacaram balinha”.

Desse modo, assim como no outro vídeo, é visível uma criança de poucos anos instruída a dançar/encenar a partir de uma canção de *funk* com teor sexual, em que, além de normalizar a cultura do estupro (ARAÚJO, 2020), também demonstra a sexualização infantil (DEL PRIORE, 2011).

Neste vídeo, é notório tanto a normalização quanto a sexualização, visto que, os trechos escolhidos para compor o vídeo abarcam as partes do vídeo 1, com “sabotaram meu copo/tacaram balinha” e “tomou uma coisa louca, ficou doida e se perdeu”. Desse modo, resgata discursos vistos na sociedade e considerados como práticas criminais, ao colocar drogas ilícitas na bebida de alguém para que ocorra um possível abuso.

Além disso, também é evidente no vídeo que as quatro mulheres dançam a canção ao lado da criança, como exposto na imagem acima, normalizando o ato de dançar uma canção que traz elementos inadequados para ser escutado por um ser humano em seus anos iniciais, visto que, a partir dos 2 anos os bebês já começam a reproduzir palavras que escutam.

Para Del Priore (2011, p. 156) “diante do aumento do número de casos e da sua maior repercussão no mundo inteiro, o alerta estava lançado: a erotização começava na infância”. Isso significa que, apesar dos responsáveis e familiares pelas crianças não perceberem a gravidade de expô-las, é constatado por meio de evidências e indicadores que “81,8% da distribuição dos crimes de estupro e estupro de vulnerável segundo o sexo da vítima no Brasil em 2017 e 2018 foram do sexo feminino, tendo um maior número de casos com meninas de 2 a 16 anos” (ARAÚJO, 2020, p. 26-7).

Isso não quer dizer que os responsáveis e familiares não devem mais registrar momentos descontraídos em família, mas, quer dizer que, se deve analisar como registrar e quais recursos são usados.

### **3.3. Vídeo 3: Meninas dançando/encenando canção de funk**

Figura 3: Vídeo curto do *TikTok* com pré-adolescentes dançando/encenando.



Quanto ao terceiro vídeo escolhido para as análises, publicado em 29 de agosto de 2021, este obteve poucas visualizações, sendo vinte e duas visualizações ao todo. Entretanto, o vídeo chama atenção por ser apresentado por crianças maiores, no caso, pré-adolescentes e, além disso, a conta que publicou o vídeo está no nome de uma das crianças, sendo possível encontrar mais de 15 vídeos das duas meninas dançando/encenando canções de *funk*, além de outros vídeos com outras crianças que também dançam/encenam canções de *funk*. Nesse viés, apesar de não conhecer a idade certa das meninas expostas no vídeo, é possível constatar que uma das meninas tem a sua própria conta criada no aplicativo, sendo um procedimento consentido pelos responsáveis. Além disso, os vídeos publicados são gravados todos em uma casa.

E, como nos outros dois vídeos acima analisados, este expõe os mesmos trechos, começando por: “Ela tomou uma coisa louca, ficou doída e se perdeu/E depois ela ficou falando assim/Sabotaram meu copo, fodeu, tacaram balinha/Eu não sei o que aconteceu, não sei o que aconteceu”. Mas, para além disso, as duas meninas começam encenando o vídeo de acordo com alguns enunciados expostos nos trechos da canção, como na parte “ela tomou uma coisa louca”, assim, começam a virar o copo na boca; outra cena acontece na parte “me tacaram balinha”, colocam um pirulito na boca e ficam mexendo enquanto dançam. Dessa forma, é evidenciado com a letra da canção e a encenação das crianças que é algo natural aos olhos delas “tomar uma coisa louca e tacar balinha”, pois, não deve ter sido explicado para elas os elementos constituintes expostos na canção.

Para tanto, Del Priore (2011, p. 156) traz, em sua obra, a reflexão de que “nossas crianças vivem cercadas de objetos e mensagens publicitárias que as incitam a viver num mundo onde toda forma de querer é voltada à satisfação imediata. Por que não a sexual?”. À vista disso, os

vídeos escolhidos para as análises são três dos inúmeros vídeos expostos na *internet* em que apresentam uma “trend”, isto é, uma tendência com o intuito de viralizar nas mídias sociais. No caso do *TikTok*, é um termo que indica as tendências mais usadas no momento dentro do aplicativo. Então, as crianças observam os meios que as cercam e se utilizam dessas “trends”, sendo, atualmente, algo viral em propagandas, programas de TV e até mesmo dentro dos seus próprios lares, sendo influenciadas pelas mídias ou até pelos próprios pais e familiares.

#### **4. Considerações finais**

Ao analisar a imagem por meio da linguagem, é compreensível que se esteja analisando também o discurso imbricado, além de desvendar quais discursos estão constituídos e qual o poder envolto neles. A partir dessa concepção, convém pontuar que a Análise de Discurso Francesa dá o domínio e a direção de arriscar-se a investigar o discurso para além do falar, do traçar, do anotar, indo pelos caminhos de compor novas constatações, a partir de elementos implícitos na sociedade.

Dessa forma, com as análises teóricas e metodológicas desenvolvidas neste texto, foi possível observar que, de fato, vídeos expostos na *internet* de crianças dançando/encenando canções com letras que expressem atos libidinosos desempenham um papel normalizador e estimulador da cultura de crimes contra a dignidade feminina, ou seja, a pedofilia, notadamente por reproduzir e promover os padrões comportamentais e estéticos impostos pelas mídias sociais no tocante as “trends” virais. As plataformas digitais, como o *TikTok*, nesse sentido, supervalorizam a dança e a encenação de todas as faixas etárias, pois o indispensável é que se propague rapidamente as tendências para que a plataforma cresça cada vez mais.

Além disso, também foi possível constatar que as publicações dos vídeos analisados também promovem a exaltação da sexualização de crianças, propagando, simbolicamente, que a principal função da plataforma *TikTok* é aumentar o seu número de usuários, como também o número de vídeos publicados, mesmo que sejam encontrados numerosos vídeos de crianças dançando/encenando de acordo com as tendências, em que se exponham diante de canções com letras que normalizem a cultura do estupro e que sexualize o público infantil e infantojuvenil.

A partir disso, espera-se que essa temática permaneça sendo dis-

cutida em todos os ambientes, principalmente no ambiente acadêmico e que se estenda a mais esferas educacionais, visto que é uma temática de extrema importância por tratar de questões que vão além do exposto, mas que também envolvem o meio cultural, a saúde, a educação e o meio social como um todo, pois, a maioria dos casos de estupro ocorrem com crianças do sexo feminino, caracterizando-se, assim, em casos de pedofilia. Para tanto, também é necessário que os pais e os responsáveis das crianças façam parte desse debate e tomem consciência das violências simbólicas estruturadas na sociedade, acarretando, também em violências virtuais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ana Paula. *Abuso: a cultura do estupro no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Trad. de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo/SP: Paz e Terra, 2002.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. Trad. de Angela Corrêa. 2. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2013.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. de Laura Fraga A. 3. ed. São Paulo-SP: Loyola, 1996.

JUNIOR, João Batista. Como o TikTok está sendo usado para o assédio de menores de idade. *VEJA*. São Paulo-SP: 31 jul. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-gente/como-o-tik-tok-esta-sendo-usado-como-ferramenta-para-o-assedio-infantil/>. Acesso em: 29 nov. 2021.

MENDES, Emília *et al.* *Imagem e discurso*. Belo Horizonte-MG: FALE/UFMG, 2013.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PAVEAU, Marie Anne. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução Greciely Costa, Débora Massmann. Campinas-SP: Pontes, 2013.

PORTO, Thyanne. TikTok reforça segurança após permitir conteúdo impróprio para crianças. *Globo – G1*. Brasil-BR: 06 mar. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/03/tiktok-reforca-seguranca-apos-permitir-conteudo-improprio-para-criancas.ghtml>. Acesso em: 29 nov. 2021.

Outra fonte:

TIKTOK está entre os aplicativos mais perigosos usados pelas crianças, alertam policiais. *Globo – Crescer Online*. Brasil/BR: 10 mai. 2021. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/05/tiktok-esta-entre-os-aplicativos-mais-perigosos-usados-pelas-criancas-alertam-policiais.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.